

Mulheres e Agroecologia apresentam:



Cadernetas Agroecológicas
um instrumento político-pedagógico

Projeto de Pesquisa Os Quintais das Mulheres e a Caderneta Agroecológica na Zona da Mata de Minas Gerais e nas Regiões Sudeste, Sul, Amazônia e Nordeste: sistematização da produção das mulheres rurais e um olhar para os quintais produtivos do Brasil.

Financiamento: Termo de Execução Descentralizada – MDA/UFV/FUNARBE

Prazo de Execução: maio/2016 – novembro/2018

Executores: UFV/FUNARBE

Redes Parceiras:

Região Norte: RMERA, FASE

Região Nordeste: RMPNE, Rede ATER Feminista, UFRPE, UFCE

Região Sudeste: GT Gênero e Agroecologia, UFV, UFMG/MOC, UFRJ, IF MATÃO/SP

Zona da Mata/MG: CTA-ZM, MMZML

Região Sul: MMC, REDE ECOVIDA

Nacional: GT Mulheres da ANA

Coordenação Editorial: Wanessa Marinho

Texto: Luciane Medeiros Alves

Projeto Gráfico e Diagramação: Guilherme Gjourup

Revisão: Elisabeth Cardoso

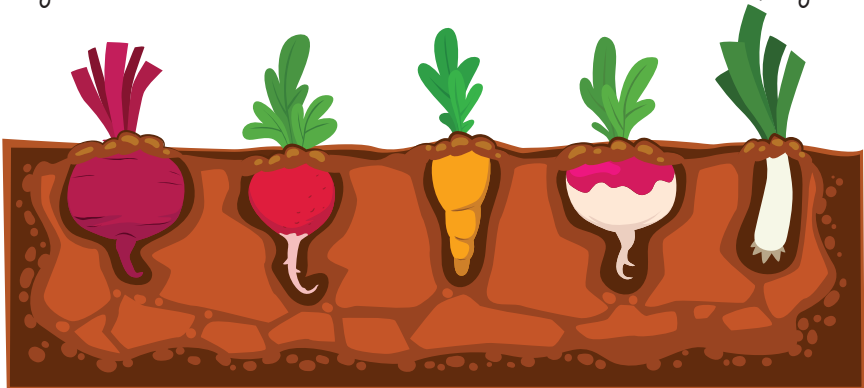
Ilustrações: www.freepik.com

Publicação: Novembro de 2018



Índice

Você conhece as Cadernetas Agroecológicas? ~~~~~	pág 2
Instrumento político-pedagógico ~~~~~	pág 3
Pesquisa + Ensino + Extensão ~~~~~	pág 4
A importante atuação das mulheres ~~~~~	pág 6
Dados da pesquisa ~~~~~	pág 8
Os quintais produtivos ~~~~~	pág 10
Desafios enfrentados ~~~~~	pág 12
Resultados da pesquisa ~~~~~	pág 13
Grandes Avanços ~~~~~	pág 14
A caderneta tá falando até demais ~~~~~	pág 16
Agradecimentos ~~~~~	pág 17



Você conhece as Cadernetas Agroecológicas?

As Cadernetas Agroecológicas foram criadas, a princípio como instrumento de formação, pela equipe do Programa Mulheres e Agroecologia, do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), juntamente com as agricultoras da região. Devido a situação de submissão e invisibilidade em que elas viviam, decidiu-se criar a Caderneta para que essas mulheres pudessem registrar todo o seu trabalho no quintal e também a sua produção de artesanato e assim conseguissem visualizar o trabalho que realizavam diariamente.

“Nossa proposta inicial era que as mulheres tomassem consciência do valor da produção delas, principalmente da produção do quintal, pois ele é um espaço que sempre foi visto como de socialização, mas nunca foi visto como espaço de produção e como objeto de políticas públicas”, afirma Beth Cardoso, coordenadora do Programa Mulheres e Agroecologia.

“Até então, no máximo uma delas conseguia anotar aquilo que vendia, mas nunca o que consumia, doava, trocava, que são relações muito comuns na agricultura familiar e camponesa porque principalmente entre as mulheres existe uma solidariedade entre as vizinhas”, explica Beth.

Instrumento político-pedagógico

Desenvolvida de maneira coletiva, com o apoio de uma rede de organizações do campo agroecológico e feminista (da Amazônia, Nordeste, Sul e Sudeste), a Caderneta Agroecológica é um instrumento político-pedagógico que busca dar visibilidade ao debate de gênero no meio rural, contribuindo para o debate feminista em relação às condições que as mulheres agricultoras se encontram. Além de mensurar e dar visibilidade ao trabalho dessas mulheres, a caderneta também fortalece a sua autonomia.

Apresentada em um formato simples, ela possui quatro colunas para organizar as informações sobre a produção. Ou seja, nela são registrados o que foi vendido, o que foi doado, o que foi trocado e o que foi consumido de tudo o que é cultivado nos quintais produtivos e/ou espaços de domínio das mulheres nas propriedades.

Consumiu		Deu		Trocou		Vendeu	
Qtd	R\$	Qtd	R\$	R\$	Qtd	R\$	Qtd

Informações que nunca haviam sido sistematizadas e anotadas, agora são instrumento não apenas de formação como de transformação e mudança de vida das mulheres.



Técnicas, pesquisadoras e representantes da sociedade civil e do governo federal se reúnem na reitoria da Universidade Federal de Viçosa (UFV) para debater o projeto de sistematização das cadernetas

Pesquisa + Ensino + Extensão

Uma grande dificuldade das universidades brasileiras hoje é construir projetos que sejam cada vez mais interdisciplinares, que consigam articular redes e que tragam a “indissociabilidade” para garantir o ensino, a pesquisa e a extensão - é o que aponta o Diretor de Relações Institucionais da UFV, Alair Ferreira de Freitas.

“O Projeto das Cadernetas Agroecológicas é um modelo de projeto que as universidades estão buscando. Um projeto de ensino, pesquisa e extensão ressoa na sociedade de uma maneira muito mais efetiva do que um projeto que seja só de pesquisa ou que seja só na modalidade de ensino. E em todo esse tripé o projeto tem ações”.

Alair ainda ressalta a importância da atuação em rede, articulando uma série de organizações tanto da sociedade civil quanto do poder público, além da própria universidade:

“É um modelo de projeto fantástico. Quantas organizações tem na execução do projeto? Várias, no Brasil inteiro. É uma série de organizações de expressão na área (na agroecologia, na agricultura familiar). A temática do projeto também é indiscutível. Se a gente for tratar de gênero e a interface com agroecossistemas, com processos econômicos, há uma defasagem muito grande porque são processos velados e as universidades, de maneira geral, trabalham pouquíssimo com isso”.

Entre os principais objetivos da Caderneta estão:

Ser um instrumento simplificado para a mensuração da produção das mulheres; sistematizar os resultados econômicos, monetários e não monetários, do trabalho das agricultoras familiares e camponesas; dar visibilidade à contribuição das agricultoras na manutenção da unidade produtiva, promovendo a agroecologia, a segurança alimentar e nutricional e a geração de renda



A importante atuação das mulheres

As mulheres agricultoras e camponesas são essenciais nesse processo não apenas porque são elas que trabalham nos quintais e são a grande fonte de informação para a pesquisa, como também são elas próprias que anotam diariamente os dados sobre a sua produção nas cadernetas, atuando como pesquisadoras.

Para Beth Cardoso, a pesquisa não seria possível se não fosse de modo participante em rede porque não seria viável ter um número tão grande de pesquisadores e bolsistas visitando diariamente a casa das mulheres para avaliar a produção. Ou seja, se as mulheres agricultoras não fizessem esse trabalho, não haveria os resultados de agora.

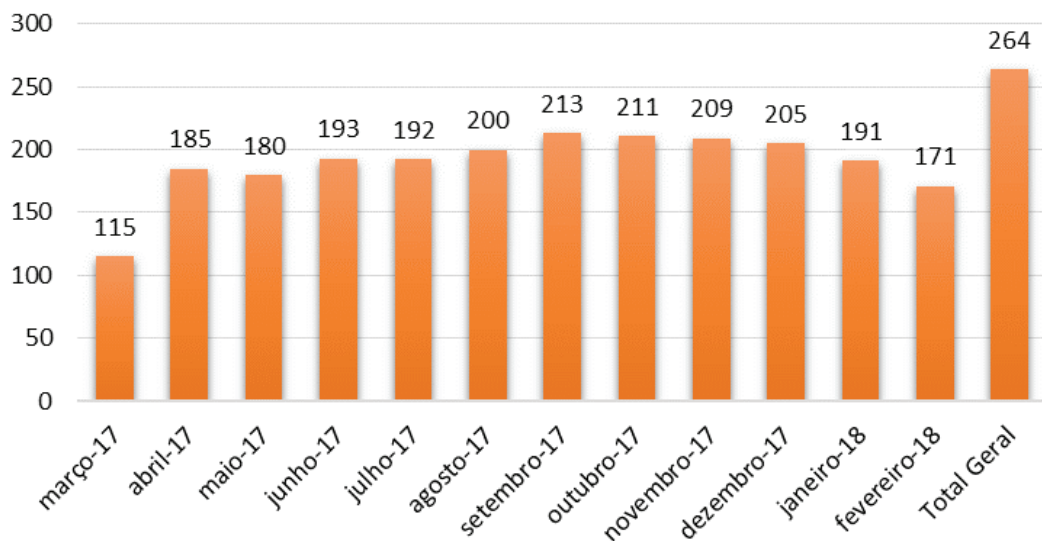
“As mulheres se sentirem parte da pesquisa foi o grande segredo do sucesso de ter conseguido que 264 mulheres ficassem um ano inteiro anotando tudo o que produzem, vendem, comem, trocam, doam. É claro que a gente faz parte dessa metodologia o tempo todo, em contato com as redes, realizando seminários regionais e seminários das pesquisadoras ligadas às universidades - também com uma equipe de sistematização em Viçosa (MG), que conseguiu colocar todos os dados nacionais no mesmo formato para que conseguíssemos perceber as diferenças e o que tem em comum. Mas essa atuação das agricultoras é uma coisa muito nova e é um trabalho muito grande”, destaca Beth Cardoso.

A atual sistematização das cadernetas agroecológicas foi realizada em várias regiões do país e contou com o financiamento de um Termo de Execução Descentralizada

(TED), inicialmente entre o Ministério do Desenvolvimento Agrário e a Universidade Federal de Viçosa, via Funarbe. Com a extinção do Ministério, o apoio passou a ser da Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (Casa Civil). Este TED foi coordenado pela professora do Departamento de Solos da UFV, Irene Cardoso.

De acordo com a sua avaliação, esta é uma grande pesquisa participante em rede no país, que incentiva as próprias mulheres agricultoras a fazerem a pesquisa na maioria das regiões do Brasil. *"Eu que estou com mais de 25 anos de universidade não tinha tido ainda a oportunidade de participar de uma pesquisa como essa, que na verdade é um projeto de pesquisa e ao mesmo tempo de extensão em que as pessoas aprendem com ele"*, afirma Irene Cardoso, a coordenadora do Termo de Execução Descentralizada.

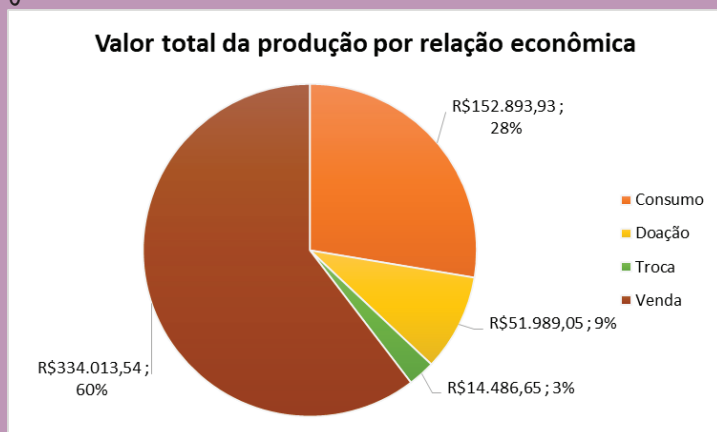
Quantas agricultoras anotaram?



Dados da Pesquisa

De acordo com os dados nacionais, para a sistematização do projeto TED foram distribuídas 264 cadernetas e 230 questionários. Os quintais produtivos avaliados estão divididos em 16 estados, de 4 regiões do país. Além disso, durante 12 meses do projeto, as agricultoras realizaram um total de 52.867 anotações. Nas tabelas a seguir é possível conferir alguns dados significativos sobre regiões atendidas pelas cadernetas.

Região Amazônica:




Região Sul:

Participação social e política		Percentual*
Sindicato	11	69%
Movimento social de mulheres	15	94%
Movimento social misto	2	13%
Associação	3	19%
Cooperativa	3	19%
Igreja	12	75%
Redes	2	13%
Partido Político	5	31%
Conselhos (saúde, educação, desenvolvimento, etc)	8	50%
Fundos rotativos solidários	0	0%
Casa de sementes (banco comunitário de sementes)	3	19%
Outras	1	6%
*Relativo ao total de agricultoras:	16	



Região Sudeste:

Acesso a mercados		Percentual*
Feira convencional	7	30%
Feira agroecológica	10	43%
Mercadinho local	1	4%
Venda em casa	13	57%
Venda porta a porta	6	26%
Venda na comunidade	11	48%
PAA individual	0	0%
PAA coletivo (cooperativas, associações, grupos)	2	9%
PNAE	3	13%
Cooperativa	6	26%
Associação	7	30%
Outros	6	26%
*Relativo ao total de agricultoras:	23	



Região Nordeste:

Acesso a políticas públicas		Percentual*
PRONAF	30	42%
Pronaf Mulher	4	6%
ATER	34	47%
Aposentadoria Rural	19	26%
Bolsa Família	45	63%
Biodiesel	2	3%
Garantia Safra	35	49%
Programa de Organização Produtiva para Mulheres Rurais	0	0%
PROINF - Apoio e ações de infraestrutura e serviços	1	1%
PGPM - Programa de Garantia de Preço Mínimo	0	0%
PAA - Programa de Aquisição de Alimentos	21	29%
PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar	24	33%
PNDTR - Programa Nacional de Documentação da Trabalhadora Rural	3	4%
PNHR - Programa Nacional de Habitação Rural	1	1%
PNFC - Crédito Fundiário	1	1%
Programa de Cisterna Primeira Água	45	63%
Programa de Cisterna Segunda Água	34	47%
PRONATEC	2	3%
Salário Maternidade	22	31%
Previdência	4	6%
Seguro Defeso	0	0%
Brasil Sem Miséria - BSM	4	6%
Bolsa Verde	1	1%
Prestação Continuada de Benefícios	1	1%
Outras	11	15%
*Relativo ao total de agricultoras:	72	

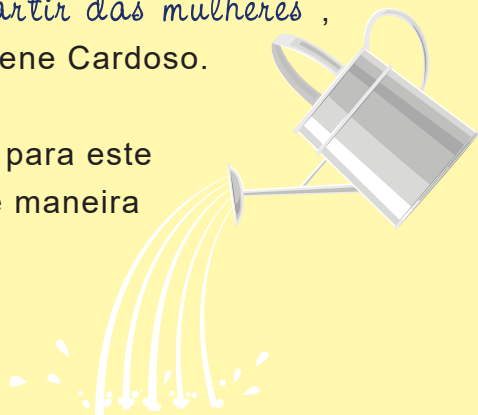
Os quintais produtivos

Se a princípio as cadernetas buscavam demonstrar o que é produzido nos quintais e qual a sua renda direta e indireta, com a pesquisa foi possível perceber que o quintal é muito mais do que geração de renda direta ou indireta:

“Quintal é segurança e soberania alimentar, lugar de qualidade de vida, porque é agradável, bonito, tem sombra, protege e fortalece o solo, cria condições para que os animais tenham qualidade de vida melhor também... E essa pesquisa em rede é que está mostrando isso. Foi uma grande oportunidade pra gente exercitar esse olhar coletivo sobre os quintais a partir das mulheres”,

aponta Irene Cardoso.

É necessário destacar que para este projeto, o “quintal” foi definido de maneira coletiva pelas pesquisadoras.



Definição de quintal: “local de trabalho e experimentação, de forma autônoma da mulher, para produção da agrosociobiodiversidade, soberania e segurança alimentar”.

Essa definição foi importante para que o termo englobasse os diversos locais de trabalho e experimentação das diferentes mulheres agricultoras e camponesas em todo o país – uma vez que na Amazônia o que é considerado quintal pode ser muito destoante da região Sul, por exemplo.

As pesquisas desenvolvidas com o uso das Cadernetas Agroecológicas, além de registrar a produtividade dos quintais, tanto do ponto de vista de geração de renda quanto da produção de alimentos ofertados pela agricultura familiar, descobrem nesses quintais espaços ricos que geram produtos e serviços para as famílias agricultoras.

É o que evidencia a pesquisa desenvolvida por Rafael Monteiro de Oliveira, com orientação de Irene Cardoso. Na sua investigação sobre os quintais produtivos na Zona da Mata mineira e a qualidade dos solos, o pesquisador descobriu que:

- As famílias utilizam princípios agroecológicos no manejo de seus agroecossistemas, o que gerou autonomia, com pouca dependência de mercados externos;

- Os quintais contribuíram para a sustentabilidade dos agroecossistemas, pois são responsáveis pela maior parte da produção de alimentos para as famílias e para os animais;

- As mulheres são as principais responsáveis pelo manejo dos quintais;

- A qualidade do solo nos quintais se apresentou melhor que a pastagem;

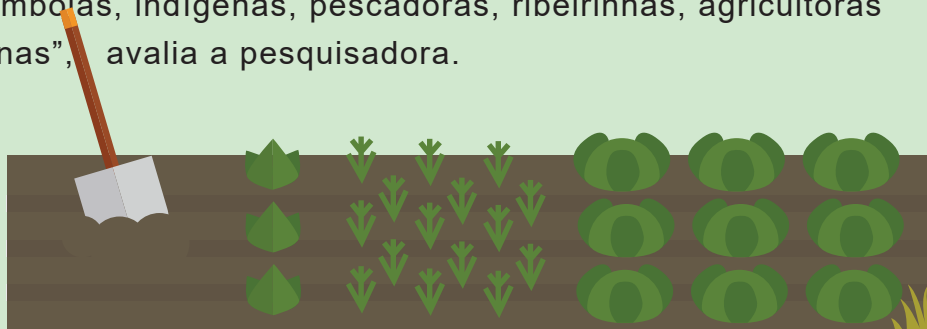
- Os quintais são responsáveis por diversos serviços ecossistêmicos.

Além disso, nesses quintais foram encontradas uma variedade total de 245 espécies, sendo milho, laranja, mexerica, mandioca, cana-de-açúcar e banana as espécies que apareceram em **todos** os quintais pesquisados.

Desafios enfrentados

Foram muitos os desafios para o desenvolvimento das Cadernetas Agroecológicas. A pesquisadora Liliam Telles destaca que além da atuação das agricultoras e do trabalho em rede das várias organizações no Brasil, o início com as Cadernetas só foi possível graças a execução de políticas públicas do Governo Federal, como a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural e as chamadas de ATER Agroecologia.

“Mas a partir de 2016, essas políticas foram cortadas, o que repercutiu na dificuldade de acompanhamento das organizações às mulheres que estavam anotando nas cadernetas. E a gente percebe nesse processo que o acompanhamento é necessário para que as mulheres se animem porque anotar todos os dias não é uma coisa simples, já que elas estão trabalhando muito, estão sobrecarregadas. Isso significa que o que temos de informação hoje é uma parcela do total que as mulheres produzem, ou seja, existe um processo de subnotificação que a gente percebe ao longo do projeto. Mas de qualquer modo os dados que a gente tem já indicam uma contribuição econômica muito expressiva das mulheres para a agricultura familiar - abrangendo as mulheres que estão na agricultura familiar e camponesa no Brasil, as quilombolas, indígenas, pescadoras, ribeirinhas, agricultoras urbanas”, avalia a pesquisadora.



Resultados da pesquisa

Um dos resultados da pesquisa foi a mobilização de recursos financeiros, através da venda dos produtos das mulheres, que é muito expressiva em todas as regiões. Uma descoberta importante é que essa mobilização financeira acontece nas vendas de porta em porta, em suas próprias casas, ou no acesso a mercados (quer seja as feiras, que exercem um papel muito importante na economia das mulheres, como também os mercados institucionais). Nesse sentido, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) foram políticas públicas importantes para as mulheres comercializarem seus produtos.

Um outro resultado da pesquisa é que a contribuição das mulheres não é apenas monetária, existe toda uma questão não monetária, que é o que fica mais invisibilizado na grande maioria das situações. Os quintais são fundamentais na alimentação da família, ou seja, para o autoconsumo. Além disso, o trabalho das mulheres permite que outras famílias tenham acesso a alimentação através das doações que elas fazem. “Seja doando para instituições, como igrejas, ou para a vizinhança, ou como no caso das agricultoras urbanas que fazem doação para famílias que não tem acesso a alimentos, devido a situação de vulnerabilidade nas cidades. E isso é só uma síntese dos resultados da Caderneta Agroecológica”, afirma Liliam.



Grandes Avanços

São muitos os avanços: o fato das mulheres começarem a reconhecer a sua importância enquanto mulher e o valor do seu trabalho poderia ser o principal deles, pois é a partir do reconhecimento e fortalecimento da autoestima dessas mulheres que começam as mudanças nas relações familiares e nas organizações em que elas atuam ou passam a atuar.

Outro grande avanço é que as mulheres também começam a se reconhecer como trabalhadoras rurais, agricultoras familiares. Se antes, elas se consideravam donas de casa porque cuidavam da casa e dos quintais, mesmo que trabalhassem diariamente na lavoura, agora elas reconhecem e tem orgulho de dizer que são trabalhadoras.

Lilium ressalta que as mulheres também se apropriaram da Caderneta para outras finalidades inimagináveis no início do projeto:

“As agricultoras relatam que a caderneta é um registro sistemático daquilo que elas produzem e que comprova a sua condição de agricultora (familiar, urbana ou rural), ajudando, por exemplo, no acesso à Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP). Além disso, mulheres relataram que a caderneta possibilitou comprovar perante o INSS a sua condição de agricultora para ter acesso a direitos sociais, como aposentadoria e licença maternidade”.

Liliam ainda destaca que, ao reconhecer o seu próprio trabalho, as mulheres se sentem capazes de fazer negociações dentro da família, no sentido de se afirmarem como produtoras, geradoras de renda e, conseqüentemente com direito ao dinheiro e a decidir o que será feito com ele. “Algumas mulheres também relataram ter vencido o ciclo de violência a partir desse autoconhecimento do seu trabalho. Isso é importante porque mexe com a autoestima das agricultoras”, destaca.

Um relato que surgiu nos seminários regionais é que muitas das agricultoras têm dificuldade de ler e escrever e os jovens que estão nas propriedades tiveram essa responsabilidade de ajudar na anotação das cadernetas. A partir desse apoio eles começaram a entender o que é a atividade da agricultura familiar e a valorizar isso. Ou seja, o processo da caderneta possibilitou que as mulheres envolvessem a juventude na agricultura, pois de modo geral os jovens querem ir trabalhar na cidade e ter menos relação com a terra. Isso possibilitou uma aproximação inversa.

Além disso, o empoderamento e a autonomia política das agricultoras também avança quando elas passam a assumir cargos de liderança em grupos produtivos, cooperativas ou sindicatos. A confiança em assumir tais cargos surge quando elas percebem que a sua importância não se resume ao espaço privado e doméstico. E, nesse caso, contribuir para que outras companheiras também conquistem autonomia política, econômica e social se torna mais concreto.

"A caderneta tá falando até demais"

A caderneta tá falando até demais
Tudo que **plantei**, eu anoto e ela fala

A caderneta tá falando até demais
Tudo que **vendi**, eu anoto e ela fala

Se plantei a couve, eu dei
Se plantei o milho, troquei
Se plantei feijão, vendeu
Se criei galinha, comeu

Mas um dia a caderneta
Falou o que ela devia
Chamou **ele** para o lado
Somei o que ganharia

Ganhei, ganhei, ganhei com **agroecologia**
Ganhei, ganhei, ganhei com o **feminismo**
Ganhei, ganhei, ganhei com **agroecologia**
Ganhei, ganhei, ganhei com o **feminismo**
La la la 4 x (**Refrão**)

A caderneta tá falando até demais
O que **consumi**, eu anoto e ela fala
A caderneta tá falando até demais
Tudo que **troquei**, eu anoto e ela fala

Se plantei açaí, tomei
Se plantei mandioca, troquei
Se fiz a farinha, vendeu
Se criei o pato, comeu

Mas um dia a caderneta
Falou o que ela devia
Chamou **ele** para o lado
Somei o que ganharia



Esta paródia foi criada pela companheira
Benedita Gonçalves (FETGRI, STTR
do município de Igarapé Miri, no Pará).
Paródia da música "Noite do Papagaio
(autor: Pim)".

Agradecimentos

“O quintal tem uma movimentação econômica que nem sempre é visível e precisava ser revelada”,

avalia Beth Cardoso.

É importante lembrar que todos os avanços e resultados foram possíveis principalmente pelo esforço das agricultoras em contribuir. “Nós agradecemos a essas mulheres que são muito sobrecarregadas, que acumulam trabalho da roça, doméstico e o tempo que tem livre estão dedicando à horta, pomar, galinhas, criação de outros pequenos animais, plantas medicinais, ornamentais, uma profusão de coisas. A gente sabe que elas estão sobrecarregadas e a gente deu mais um trabalho para elas, sabendo que nem todas iam conseguir. Por isso distribuimos mais cadernetas do que precisávamos para a pesquisa, mas as que toparam disseram: ‘Olha eu vou me esforçar para contribuir e provar que o trabalho das mulheres é muito mais importante do que parece’. E por que elas fizeram isso? Elas toparam por um motivo: elas também são militantes, dos movimentos de mulheres, das redes”, destaca Beth.

Com a colaboração das agricultoras foi possível provar, através desta pesquisa, que de fato a produção dos quintais das mulheres é muito importante para a preservação da agrobiodiversidade e manutenção da agricultura familiar e camponesa no Brasil. E nós só temos que agradecer a essas companheiras de luta. Sem Feminismo não há Agroecologia!



Em teu abraço eu abraço o que existe
a areia, o tempo, a árvore da chuva,
e tudo vive para que eu viva:
sem ir tão longe posso ver tudo:
vejo em tua vida todo o vivente.

(Pablo Neruda)



Em homenagem à estrela Aldebaram, que iluminou
a sistematização das cadernetas agroecológicas da Amazônia

